

MARIO FANUCCHI

Apresentação

Algum tempo atrás, descobri num sebo um exemplar da pequena enciclopédia ilustrada *Mémento Larousse* anterior à Primeira Guerra Mundial. Ao folheá-lo, constatei com surpresa que, ainda no limiar do século XX, um livro de conhecimentos gerais já trazia informações detalhadas sobre a transmissão de mensagens através das ondas de rádio – processo então denominado *telégrafo sem fio*. Numa antevisão do futuro, tão a gosto dos leitores ávidos de novidades científicas, o texto definia a inovação como “algo capaz de substituir com vantagem o telégrafo pelo fato de dispensar o uso do fio, o que tornaria mais eficiente e barata a comunicação entre os postos militares das colônias”. Tendo em vista o que os territórios coloniais representavam naquele tempo para os países europeus, as prováveis aplicações do novo invento – dentre as quais avultava a intercomunicação no mar – devem ter impressionado até mesmo o cidadão comum. Como se isso não bastasse, o tópico se encerrava com esta espantosa previsão: “Pelo fato de constituírem transmissão de energia, as ondas de rádio poderão, no futuro, exercer controle a distância para explodir minas ou lançar torpedos”.

A descrição das maravilhas da transmissão pelo rádio, como se vê, não incluía um de seus fatores mais

MARIO FANUCCHI é professor-colaborador aposentado da Escola de Comunicações e Artes da USP. Foi coordenador da CCS-USP e diretor da Rádio USP. Atuou como locutor e produtor das rádios Tupi e Difusora e diretor de criação da Jovem Pan. Fez parte, em 1950, da primeira equipe do PRF3-TV, Canal 3, Tupi-Difusora. Exerceu a função de diretor artístico da TV Cultura – Emissoras Associadas, e de coordenador de produção da TV Cultura – Fundação Padre Anchieta. É autor de *Nossa Próxima Atração – o Interprograma na Canal 3* (Edusp).

importantes: a comunicação de massa. Mesmo porque, para se chegar até ela, havia um longo caminho a percorrer, a começar pela radiotelegrafia, que utilizava o código Morse; a radiotelefonia, em que os sinais codificados em pontos e traços cediam lugar à voz humana; as transmissões experimentais, em circuito fechado, isto é, com o sinal sonoro emitido por um transmissor e recebido com exclusividade por determinado receptor, operando na mesma frequência; e, por fim, a transmissão em circuito aberto e frequência fixa, passível de ser captada por um sem-número de receptores de sintonia variável, que se ajustavam à frequência de qualquer emissora, dependendo apenas da potência ou localização do conjunto transmissor/antena irradiadora e da sensibilidade do aparelho de rádio e respectiva antena receptora.

Diante dessa multiplicidade da radiocomunicação é que se perde, às vezes, a noção exata de *quem chegou antes* e *o que veio antes*. Primeiro, em relação aos inventores: houve inúmeros participantes no processo, mais, talvez, do que se supõe – uns, ignorados por omissões dos registros; outros, por provável boicote. Segundo, quanto à utilização do meio: quem foi, de fato, pioneiro, considerando-se a radiotelegrafia, a radiotelefonia, o circuito fechado e o circuito aberto? Terceiro, quando falamos de rádio, é lícito eleger esta ou aquela função do meio como de maior ou menor importância? Quarto, tendo em vista a introdução do rádio no Brasil, qual o evento a ser levado em conta: a demonstração no Centenário da Independência, as incursões dos pernambucanos no éter, ou as transmissões abertas da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro? E, finalmente, ainda em relação ao nosso rádio, se a alternativa “meio de comunicação de massa” merece destaque, qual, nesse mister, é o balanço dos oitenta anos da radiofonia?

80 anos de rádio

O processo de transformação do rádio começou assim que a primeira estação entrou no ar, e continua até hoje. Como meio e fim, o rádio teve e ainda tem seus altos e baixos. Ressente-se de crises periódicas, em consequência de mudanças de caráter político, econômico e técnico. Apesar de algumas opiniões em contrário, o rádio mantém seu poder de influenciar a opinião pública, entreter e educar. Sua agilidade o situa na vanguarda da notícia, desde o tempo do lendário *Repórter Esso*. É, também, uma fonte dinâmica de informações, não raro utilizada pelos demais meios de comunicação. Em relação a estes, aliás, o rádio terá sempre a vantagem da simplicidade operacional, tanto para o emissor como para o receptor, além do custo relativamente baixo dos equipamentos. Se, em diferentes ocasiões, questionou-se a sua sobrevivência, hoje não cabem dúvidas sobre sua capacidade para suplantar obstáculos e até expandir seus domínios.

Entretanto, nem tudo vai bem no rádio. Em grande parte das emissoras é flagrante a pobreza de idéias e são cada vez mais comuns abusos de toda ordem. Seus maiores pecados: estimular preconceitos, explorar a credence popular, espalhar boatos, divulgar escândalos; e, mais recentemente, fazer uso de qualificativos grosseiros e até palavras de baixo calão – tudo lançado ao microfone com o inegável propósito de chocar e tornar seus autores famosos (tentativa frustrada, pois só o que eles ganham é notoriedade). Essa postura agressiva, que, dizem alguns, espelhou-se no mau exemplo da TV, contrasta com o rádio bem-comportado de anos atrás, em que expressões como “senhores ouvintes”, “senhoras e senhoritas”, “obrigado pela atenção” eram uma constante na linguagem dos comunicadores. Quando alguém saía um pouco do sério, o fato repercutia intensamente, como confirma um episódio que testemunhei na condição de ouvinte, lá vai mais de meio século.

No ar o programa de calouros de Ary Barroso, transmitido pela Rádio Tupi do Rio de Janeiro. Eis que se apresenta um instrumentista, e Ari pergunta: “Há quanto tem-

po você toca?”. “Nove meses” – responde o calouro. “Ah, então deve nascer alguma coisa!” – exclama Ary. Risos, audíveis para quem, como eu, sintonizava o programa no meu distante Paraná; além de um *frisson*, entre os freqüentadores do auditório. Era só esperar para ver a reação dos críticos na *Revista do Rádio e Radiolândia*! Que vexame, cometido logo por alguém famoso em todo mundo pela sua “Aquarela do Brasil”! Aludir ao período de gestação, quando qualquer referência pública ao assunto se fazia a boca pequena e, assim mesmo, usando-se o eufemismo “estado interessante”! Imaginem só qual não será a providência do Departamento de Imprensa e Propaganda!

Bem, não se pretende que nossos comunicadores de hoje observem os limites da liberalidade lançada pelo grande Ary. Mas que, ao menos, procurem imitar seu modelo de humor e sutileza – em respeito à inteligência dos ouvintes.

Este dossiê gira em torno de pessoas que dedicaram boa parte de sua vida ao trabalho no rádio, contribuindo, em maior ou menor escala, para o seu desenvolvimento. Descreve, também, os cenários em que atuaram, sob a influência do momento histórico, dos parâmetros impostos pela legislação e do ocasional estágio tecnológico. Dada a variedade de temas – que, no entanto, cobrem apenas uma parte de um vasto espectro – e a diferença de pontos de vista, são naturais tanto as coincidências como as divergências. Cada autor se expressou à sua maneira, uma vez que não houve uma reunião prévia destinada a aparar as arestas.

Edgard Roquette-Pinto via a educação como finalidade primordial do rádio, enquanto Henrique Morize, envolvido no mesmo projeto, supria o meio com o que podia conseguir em matéria de equipamento. Foi um esforço de inteligência e técnica que marcou a infância da nossa radiodifusão. É desse primeiro estágio que Vera Roquette-Pinto, neta do “Pai do Rádio”, nos dá uma visão apoiada em fatos, a justificar a comemoração do “Dia do Rádio” em 25 de setembro, data em que nasceu Roquette-Pinto, em 1884.

Segue-se uma síntese sobre o desenvolvimento tecnológico do meio, a cargo de Carlos Henrique Antunes Taparelli, que enumera os recursos disponíveis e seu emprego em diferentes fases da radiodifusão. Numa nota, ele fornece, também, breve histórico de um pioneirismo mundial que, por circunstâncias inexplicáveis, deixou de ser creditado ao padre brasileiro Landell de Moura.

De minha parte, trago para o dossiê a figura romântica do antigo artista de rádio, para, em seguida, me fixar num exemplo digno de ser lembrado: Nhô Totico.

O adjetivo “ecclético” define bem um profissional que há decênios fala, escreve, descreve, comenta e analisa o esporte em geral. Orlando Duarte é, portanto, a pessoa certa para lembrar os grandes nomes do rádio esportivo.

O depoimento do repórter Milton Parron sobre o incêndio do edifício *Joelma* me traz à mente o clássico programa de Orson Welles baseado em *A Guerra dos Mundos*, de H.G. Wells, no qual a simulação de uma reportagem radiofônica deu à ficção tal realismo, que causou pânico entre os ouvintes. Ao descrever, ao vivo, a tragédia do *Joelma*, Parron, de certa forma, viveu a antítese daquela obra de ficção – obrigado que foi a policiar a linguagem, na tentativa de atenuar a dura realidade.

Seguem-se dois artigos sobre marcos importantes na história do rádio brasileiro: em primeiro lugar, o rádio onde ele nasceu – a antiga capital da República, no relato de Sonia Virgínia Moreira, co-autora do livro *Rádio Nacional – o Brasil em Sintonia*, escrito em parceria com Luiz Carlos Saroldi, que também contribui para este dossiê, oferecendo um amplo panorama da música no rádio.

O artigo seguinte tem muito a ver com o tema anterior, embora se estenda a outros aspectos do rádio, ao focar a presença do negro nesse meio de comunicação, no texto de João Baptista Borges Pereira.

Radiojornalismo é o assunto analisado por Gisela S. Ortrivano, que nos dá a dimensão exata desse que é, sem dúvida, o mais importante campo de atuação do rádio moderno.



Outra missão que o rádio deveria desempenhar em larga escala – tanto que vem capitulado na legislação pertinente – é o de educar e promover a cultura. Limitado a um reduzido número de emissoras, esse trabalho encontra, na exposição de Antonio Adami, uma definição de objetivos e o testemunho de quem põe em prática os princípios do rádio educativo.

E, por fim, observada, de certa forma, a ordem cronológica, chegamos ao artigo assinado por Lígia Trigo, que trata do capítulo mais recente na trajetória de nossas emissoras: o rádio *online*.

Concluindo: se este conjunto de textos despertar discussões, questionamentos e, melhor ainda, mais interesse pela pesquisa sobre o rádio, o dossiê terá cumprido sua principal finalidade.